



## 3.4

# Dinâmica e Qualidade de Relacionamentos: Manutenção e Dissolução

*Ana Maria Fernandez  
Victor Kenji M. Shiramizu  
Jaroslava Varella Valentova*

Em várias culturas, humanos tipicamente formam relacionamentos românticos de longo prazo, o que é relativamente raro em outros primatas. Esses relacionamentos têm frequentemente status específicos nas sociedades e podem ser formalizados em algum tipo de casamento. Alguns autores argumentam que a tendência para estabelecer relacionamentos de longo prazo evoluiu como consequência do período muito longo de dependência da prole humana (Sear & Mace, 2008). Assim, os investimentos na reprodução são altos em ambos os sexos, e, por causa disso, homens e mulheres avaliam cuidadosamente

qualidades reprodutivas em parceiros potenciais e tentam escolher parceiros reais de acordo com estas preferências (ver capítulo 3.3 deste volume) (Geary, Vigil, & Byrd-Craven, 2004; Schmitt, 2014). Uma proposta teórica recente propôs que a elevada taxa de encefalização em humanos foi devida aos desafios de ajustamento do casal e às demandas relativas à inteligência social para manter um comprometimento de longo prazo em um relacionamento monogâmico (Dunbar, 2014; Dunbar & Schultz, 2007; Fletcher et al., 2015).

Em geral, a dinâmica dos relacionamentos inclui processos que envolvem a formação e manutenção do relacionamento. Fatores como familiaridade, o nível de comprometimento, amor, intimidade e satisfação com o relacionamento e sexualidade constituem aspectos da qualidade geral do relacionamento. Além disso, Kamp Dush e Amato (2005) encontraram indivíduos em relacionamentos românticos exclusivos, os quais coabitavam ou namoravam, relataram maior bem-estar subjetivo do que os indivíduos que não tinham parceiros estáveis ou tinham múltiplos parceiros (ver também Schmitt, 2014). Assim, a qualidade e estabilidade dos relacionamentos podem influenciar o bem-estar e a qualidade de vida dos indivíduos, o que fornece um ambiente relativamente seguro, melhorando a saúde e a sobrevivência da prole.

Recentemente, pesquisadores concentram-se em dois principais mecanismos que influenciam na qualidade dos relacionamentos: 1) pareamento concordante (homogamia) e 2) pareamento discordante (heterogamia ou complementaridade). Basicamente, a homogamia significa semelhanças de traços entre pares (por exemplo, ambos os parceiros são extrovertidos), enquanto a heterogamia significa que os pares têm traços diferentes ou complementares (um parceiro é mais

extrovertido, o outro é mais introvertido). A escolha de parceiros que possuem traços parecidos ou diferentes é um dilema de negociação, pois os dois tipos de pareamento podem ser adaptativos em diferentes condições e contextos e eles também influenciam na qualidade dos relacionamentos.

## Homogamia

Resultados de estudos empíricos sugerem que casais são similares em muitas características sociais, por exemplo, status socioeconômico, educação ou religião (Watson et al., 2004). Além disso, os parceiros tendem a se assemelhar em várias características de personalidade (por exemplo, estabilidade emocional e autoestima, Arrindell & Luteijn, 2000) e características físicas, como a altura corporal, formato do rosto e o nível de atratividade (Zajonc, Adelman, Murphy, & Niedenthal, 1987). Caspi et al. (1992) constataram que parceiros de longo prazo assemelham-se em traços de personalidade no primeiro ano de casamento, bem como após 20 anos de casados. Dessa forma, a semelhança entre os cônjuges não é provavelmente um simples resultado de coabitação, mas é causada em parte por homogamia ativa ou preferências por parceiros com características parecidas (Figueredo, 2006). Vários estudos mostram que parceiros parecidos relatam maior satisfação com o relacionamento e com a vida do que parceiros complementares (Lucas et al., 2004).

O fato de que parceiros românticos possuem diversas características semelhantes, pode ser devido ao efeito de proximidade. Pessoas encontram os seus parceiros com mais frequência na mesma cidade, no trabalho ou na escola (Kalmijn

& Flap, 2001). Outros estudos demonstraram que homogamia poderia decorrer da familiaridade, a qual aumenta a confiabilidade do indivíduo. Indivíduos preferem rostos semelhantes aos deles e tais rostos são avaliados como mais confiáveis (DeBruine 2002; Nojo, Tamura, & Ihara, 2012).

A homogamia também pode ser um subproduto de competição por melhores parceiros. O valor de mercado do parceiro é uma variável crucial para entender relacionamentos de longo prazo e evidências demonstram que os indivíduos tendem a formar relações estáveis com indivíduos de valor semelhante, o que mantém o interesse e amor um pelo outro, influenciando positivamente na satisfação do relacionamento (Salkicevic, Löw & Tonkovic, 2014). De acordo com a hipótese de concorrência, a semelhança entre parceiros na atratividade não precisa ser um resultado de pareamento concordante, mas sim o resultado da concorrência entre os indivíduos. Por exemplo, pessoas mais atraentes vão ter parceiros mais atraentes, pois estes estarão disponíveis para eles (Miller & Todd, 1998).

Na perspectiva evolucionista, o pareamento baseado na similaridade pode ser adaptativo. Segundo a teoria da seleção de parentesco (Hamilton, 1964), a semelhança mútua entre os parceiros resulta em um maior grau de altruísmo, pois os parceiros semelhantes compartilham mais genes em comum. Assim, o relacionamento com o parceiro geneticamente semelhante aumenta a transferência dos próprios genes para as próximas gerações.

Em contraste, a homogamia extrema pode ter um efeito negativo no sentido de endocruzamento (*inbreeding*). O endocruzamento é definido como a reprodução entre indivíduos relacionados, geralmente entre primos de primeiro grau ou parentes mais próximos (Thornhill, 1991). Isto pode resultar no aumento

da homozigose (duas formas idênticas de um alelo particular) na prole, podendo aumentar o risco de expressão de alelos recessivos deletérios (Blouin & Blouin 1988). Dessa forma, o pareamento ideal parece seguir um padrão homogâmico, mas não a semelhança ou familiaridade extrema. Uma das adaptações para evitar o endocruzamento pode ser o pareamento discordante.

**Box 1. Um efeito semelhante ao da estampagem**

A homogamia pode ser em parte explicada através da teoria de estampagem sexual, a qual sugere que filhos formam suas preferências e escolhas de parceiros românticos de acordo com as características dos pais do sexo oposto, incluindo aparência (Little, Penton-Voak, Burt, & Perrett, 2003). Um estudo apontou semelhanças entre os traços faciais de maridos de mulheres com pais adotivos e seus padrastos (Bereczkei et al., 2004). Isto significa que os indivíduos aprendem as características dos pais ou pessoas próximas durante a infância e aplicam essas características no contexto de acasalamento posteriormente. Este efeito é ainda modulado pela qualidade da relação entre filhos e pais, ou seja, a semelhança entre pais e parceiros dos indivíduos é maior quando os indivíduos e os pais tinham um relacionamento melhor durante a infância (Wiszevska, Pawlowski, & Boothroyd, 2007). Um estudo recente mostrou que indivíduos (especialmente mulheres) preferem e escolhem parceiros românticos parecidos com os pais delas quando elas tiveram um apego seguro com os pais (Akao, Adair, & Brase, 2016).

## Heterogamia

Por outro lado, a teoria de heterogamia ou complementaridade propõe que pessoas escolhem parceiros românticos que complementam as suas próprias características. A escolha de traços complementares pode ser explicada através da perspectiva evolucionista como um mecanismo para evitar consequências mal adaptativas do endocruzamento. Em contraste com a teoria da homogamia, há relativamente pouca evidência apoiando a teoria da heterogamia em humanos. Embora limitada, a evidência empírica sugere que os relacionamentos baseados em heterogamia de características sociais e de personalidade tendem a ser instáveis (Felmlee, 2001). Este estudo mostrou que traços dissimilares percebidos pelos parceiros como atraentes no início do relacionamento (por exemplo, ser bem sucedido) tornam-se negativos durante o relacionamento (ex: viciado em trabalho). Isto é consistente com o estudo demonstrando que parceiros que se apaixonaram à primeira vista eram menos semelhantes na personalidade (extroversão, estabilidade emocional e autonomia) do que casais que não se apaixonaram à primeira vista (Barelds, Barelds-Dijkstra 2007). Além disso, embora os indivíduos acreditem que eles desejam características dissimilares ou exóticas em parceiros potenciais, os mesmos escolhem parceiros de longo prazo com características semelhantes (Dijkstra 2008). Então, traços dissimilares podem ser mais atraentes para encontros de curto prazo, podendo, adaptativamente, aumentar a diversidade genética de filhos, mas para relacionamentos de longo prazo, os traços mais semelhantes, ou ainda características melhores do que as que temos, são desejados (Figueredo et al., 2006).

No entanto, também é possível que ambos os mecanismos estejam envolvidos no processo de escolha do parceiro, com algumas características escolhidas de acordo com o pareamento concordante (por exemplo, características sociodemográficas), enquanto outros (por exemplo, traços de temperamento) em uma forma discordante (por exemplo, na dimensão interpessoal, como a dominância; para uma revisão, veja Štěrbová & Valentová, 2012). Do ponto de vista evolutivo, a preferência pela homogamia é adaptativa em termos de evitação de depressão de exocruzamento (*outbreeding*), mas por outro lado, a heterogamia pode ter evoluído sob a pressão de evitação de depressão de endocruzamento (*inbreeding*) (Bovet et al., 2012). Em geral, um compromisso entre homogamia e heterogamia extrema seria ideal e adaptativo, e a razão entre homogamia e heterogamia pode ser influenciada por várias condições ambientais ou pessoais, podendo ser usada como estratégias mistas ou condicionais (veja o Capítulo 3.2 neste volume e Štěrbová & Valentová, 2012).

**Box 2. Hierarquia dos parceiros**

Curiosamente, a heterogamia na hierarquia entre parceiros parece ter um efeito positivo na dinâmica de relacionamento (Tiedens & Fragale 2003). A dimensão de dominância e submissão é uma das dimensões primárias do comportamento interpessoal (Carson, 1969; Leary, 1957). Os indivíduos que têm um parceiro dissimilar na hierarquia relatam maior grau de satisfação com o relacionamento do que aqueles que têm um parceiro com nível similar de dominância (Dryer & Horowitz, 1997). Outro estudo sugeriu que casais que classificaram seu relacionamento como mais satisfatório eram mais semelhantes na cordialidade, porém menos semelhantes na dominância (Markey & Markey 2007). As preferências por dissimilaridade na dominância foram relatadas até mesmo em países que promovem o valor da igualdade nos relacionamentos (Tiedens & Fragale, 2003). Na perspectiva evolucionista, a heterogamia na dominância e submissão serve para regular a agressão e conflito em díades, facilitando a coesão em grupos sociais (Fournier et al., 2002). Assim, a hierarquia complementar dos parceiros pode contribuir para a duração e satisfação em relacionamentos de longo prazo.

**Amor**

Uma dimensão da qualidade de relacionamento é o sentimento subjetivo de amor, o qual é definido como uma constelação de comportamentos, cognições e emoções associadas com o desejo de iniciar ou manter um relacionamento íntimo com outra pessoa específica (Aron & Aron, 1991). Da perspectiva



evolucionista, o amor é visto como uma maior motivação para a monogamia e relacionamentos de longo prazo em humanos (Fletcher et al., 2015). Em geral, os autores concordam que, ao lado do desejo sexual, que promove o interesse por parceiros sexuais, e a atração sexual, que promove a procura de parceiros específicos, o amor, ou apego romântico, promove o laço emocional entre os parceiros, a reprodução e o cuidado parental (De Boer, Van Buel, & Ter Horst, 2012; Fisher, 2006; Zeki, 2007).

O começo do relacionamento romântico é frequentemente acompanhado pelo sentimento de estar apaixonado, o que pode ter a função de fortalecer a díade em formação (De Boer et al., 2012; Hatfield & Rapson, 1993), entre outras razões, porque diminui a tendência de procurar parceiros alternativos (para uma revisão, veja Gonzaga et al., 2008). As pessoas apaixonadas tendem a ter as maiores concentrações de ocitocina (Schneiderman, Zagoory-Sharon, Leckman, Feldman, 2012), um dos hormônios que possui função central no amor e nas relações sociais dentro do grupo, assim como a vasopressina (Campbell, 2008, Zeki, 2007). Ocitocina é um hormônio amplamente reportado na literatura como sendo responsável por facilitar as interações no relacionamento entre mãe e bebê (para semelhanças entre apego romântico e parental veja o Box 3), enquanto a dopamina desempenha um papel no sistema de recompensa (Love, 2014). Jankowiak e Fischer (1992) relatam que vários aspectos do amor apaixonado, incluindo a preocupação intrusiva com o outro indivíduo, estado alterado da mente, altruísmo e idealização do parceiro, são semelhantes em várias culturas. Durante este processo, os parceiros exibem comportamentos específicos, tais como a tendência para maximizar o tempo gasto em conjunto, o que diminui a distância física

entre os dois indivíduos, e ajuda a manter a relação (Fisher, 1992; Hatfield & Rapson, 1993; Zeki, 2007).

Embora que as pessoas achem que a paixão vai durar para sempre, quase nunca dura mais do que alguns meses ou anos. Entretanto, existem casais que, após muitos anos de relacionamento, demonstram o mesmo nível de paixão quando comparados com casais no início do relacionamento (Acevedo et al., 2010). Sua atividade cerebral apresenta uma ativação das mesmas regiões do sistema dopaminérgico e gânglios basais que no início do relacionamento, mas também ativação de regiões específicas do sistema do apego parental, como, por exemplo, globo pálido ou tálamo. Assim, para alguns indivíduos, o valor de recompensa associado com um parceiro de longo prazo pode ser sustentado, de forma semelhante ao novo amor, envolvendo também sistemas cerebrais relacionados ao apego.

Isto significa que a paixão e o apego são sistemas distintos, os quais podem ou não funcionar ao mesmo tempo. Fisher (1998) dividiu o sistema de acasalamento em três dimensões, sendo as mesmas mais ou menos independentes e possuindo papéis diferentes na história evolutiva:

1) **Desejo sexual: é definido como** desejo por gratificação sexual, proceptividade e receptividade sexual, estando associados com hormônios sexuais (estrogênios, andrógenos) e motivação para busca de relações sexuais;

2) **Atratividade (paixão): é definida como** atenção e desejo sexual focados em um (ou mais de um) indivíduo específico, pelo pensamento intrusivo, tendência para exclusividade sexual, desejo por intimidade física e emocional, sendo involuntário, incontrollável e universal. Esse sistema é mediado por catecolaminas (principalmente dopamina e adrenalina), as quais são responsáveis pela atividade física, pelo estresse, ação

e motivação para procurar relações íntimas com um indivíduo específico, previamente selecionado;

3) Apego emocional (amor): definido como um laço emocional íntimo entre pais e filhos, amigos ou parceiros românticos, acompanhado pelos sentimentos de conforto e união emocional com a pessoa. É um vínculo emocional forte que aumenta a chance da díade para reprodução (no caso do amor romântico) ou na criação de um recém-nascido (no caso do amor materno). O amor ativa áreas neurobiológicas que estão envolvidas na motivação de ficar juntos, cuidado mútuo, desativando áreas de julgamento cognitivo do outro.

**Box 3. Apego adulto: do vínculo infante-cuidador ao parceiro romântico**

Alguns autores sugerem que a ligação romântica que é formada durante a fase inicial de um relacionamento entre dois indivíduos adultos compartilha algumas semelhanças com a ligação afetiva entre mãe e filho, como inicialmente previsto por John Bowlby (Bowlby, 1989; Baumeister & Leary, 1995). Hazan & Shaver (1987) transpuseram a noção do vínculo estabelecido na infância para os vínculos estabelecidos em relacionamentos românticos na vida adulta. Os autores desenvolveram uma medida de autorrelato destinada a aferir três estilos de apego. Eles encontraram que indivíduos com um estilo de apego seguro percebiam a relação com o parceiro como mais afetuosa, amigável e confiante. Já indivíduos com estilos de apego inseguro ansioso (associado a um cuidado inconsistente durante a infância) relataram uma maior necessidade de desejo por união e reciprocidade com o parceiro romântico. Por último, indivíduos apresentando um estilo de apego inseguro evitativo (associado com um cuidado insensível durante a infância) relataram sentir-se incomodados com a proximidade física e emocional com o parceiro romântico.

O trabalho de Hazan & Shaver (1987) impulsionou o interesse em saber como estilos de apego poderiam influenciar nos relacionamentos românticos. Por exemplo, Collins & Read (1990) observaram que indivíduos com altos escores na dimensão ansiedade relataram angústia sobre pensamentos como ser abandonado ou não ser amado pelo parceiro. Kirkpatrick & Hazan (1994), em um estudo longitudinal com casais, encontraram que indivíduos com estilo de apego inseguro foram os que mais relataram término de relacionamento uma ou mais vezes durante o período de estudo quando comparados com indivíduos com estilo de apego seguro. Ainda, Schmitt (2005), encontrou, em um estudo trans-

cultural investigando a relação entre estilos de apego e homossexualidade, que o estilo de apego evitativo estava associado com estratégias reprodutivas de curto prazo, avaliado através da orientação homossexual do indivíduo.

Vários estudos conduzidos no campo da psicologia clínica e social associam estilos de apego inseguro com uma ampla variedade de distúrbios mentais, como depressão, transtorno de ansiedade, distúrbio obsessivo-compulsivo, tendências suicidas, dentre outras (Catanzaro & Wei, 2010; Bosmans, Braet & Van Vlierberghe, 2010; Doron, Moulding & Kyrios, 2009; Gormley & McNiel, 2010), levando a conclusões de que o estilo de apego seguro seria o “padrão de ouro” para as relações interpessoais. Recentemente, Ein-Dor, Mikulincer, Doron & Shaver (2010) questionam como cerca de 50% da população humana não teria “nenhuma” vantagem adaptativa, uma vez que diversos estudos associaram tal porcentagem com estilo de apego inseguro.

Belsky (1997) sugeriu como os diferentes estilos de apego poderiam ter evoluído. O estilo de apego seguro teria evoluído baseado no cuidado sensível dado pelo cuidador ao infante em virtude das condições socioambientais favoráveis. Isso resultou na construção de um modelo mental positivo pelo infante, fazendo-o perceber o ambiente social como favorável e as pessoas como confiáveis, devido às relações serem recompensadoras e estáveis. Na idade reprodutiva, o indivíduo adotaria então uma estratégia que enfatizasse o esforço parental. O estilo de apego inseguro ansioso teria evoluído como resultado do cuidado não responsivo dos pais e na permanência desses indivíduos no grupo sem reproduzirem-se. Tal permanência seria “paga” com a ajuda no cuidado com irmãos mais novos. Esse estilo de apego resultaria no comportamento “ajudante de ninho”, ou seja, indivíduos direcionariam comportamentos

de cuidado e proteção a parentes, viabilizando seu sucesso reprodutivo através da reprodução de indivíduos aparentados que teriam sido ajudados por eles. Por último, o estilo inseguro evitativo teria evoluído em virtude de um ambiente físico e social bastante hostil, em conjunto com um cuidador principal insensível e rejeitador. Devido a essas condições, os indivíduos evitativos tenderiam a não confiar nas pessoas e as possíveis relações não seriam nem gratificantes e nem duradouras, adotando assim estratégias reprodutivas oportunísticas, as quais enfatizariam o esforço de acasalamento (Belsky, 1997; Belsky & Simpson, 2008).

Dessa forma, fica clara a possibilidade de associar como diferentes estilos de apego podem modular aspectos importantes no funcionamento dos relacionamentos românticos, tais como duração e satisfação no relacionamento, bem como interpretá-los dentro da perspectiva evolucionista (Ein-Dor, 2014).

## Ciúmes, infidelidade, guarda e retenção de parceiros

A dinâmica de relacionamentos também inclui sexualidade e intimidade exclusiva, ciúmes e estratégias de guarda e retenção de parceiro. Frequentemente, a expectativa é que atividades íntimas e sexuais sejam realizadas exclusivamente no interior de relacionamentos primários (Eibl-Eibesfeld, 1989). A exclusividade sexual é incorporada em várias regras culturais e a evidência transcultural sugere que a violação de exclusividade sexual é a principal razão para separação ou divórcio dos parceiros (Betzig, 1989; Shackelford, Buss, & Bennett, 2002), bem como a violência doméstica e o homicídio (Wilson & Daly, 1992).

A extensa literatura documentou que o ciúme é uma emoção universal com a função evolutiva de manter o “objeto da nossa afeição”, como pais, parceiro romântico ou até um amigo (Buunk, 1997; Trivers, 2002). No contexto de acasalamento, o ciúme é uma emoção evoluída concebida para evitar a perda de um parceiro reprodutivo valorizado a um rival (Buss, 2013; Buss & Haselton, 2005). Embora várias situações possam desencadear essa emoção (Barelds & Dijkstra, 2010; Fernández, 2012), o ciúme romântico é geralmente desencadeado pela ameaça real ou aparente de perda de exclusividade sexual e/ou emocional do parceiro para um rival (Buss, 2013; Buss, Larsen, Westen, & Semmelroth, 1992; Dijkstra, Barelds, & Groothof de 2010), particularmente quando os parceiros já investiram no relacionamento e há potencial para o estabelecimento de uma relação de longo prazo (Klasios, 2014). Em outras palavras, homens e mulheres se envolvem em ciúmes, guarda e retenção de parceiro e competição com rivais potenciais, especialmente na situação de relacionamentos comprometidos para proteger e preservar o relacionamento romântico de longo prazo, pois

o acasalamento de longo prazo envolve alto investimento de tempo, de dedicação em apego emocional e na prole comum, entre outros (Buss, 1988a; Buss & Shackelford, 1997; Campbell, 2004; Fisher & Cox, 2010). A abordagem evolucionista aplicada à manutenção e dissolução de relacionamento romântico avançou na compreensão dos relacionamentos humanos além de explicações proximais desse fenômeno, levando a uma visão abrangente do valor adaptativo de acasalamentos de longo prazo (Fisher, 1998; Dunbar, 2012; Schmitt, 2014).

Na perspectiva evolucionista, a função adaptativa do ciúme romântico é evitar a infidelidade, especialmente do parceiro de longo prazo, o que pode ser prejudicial para a aptidão do indivíduo, porém, até certo ponto, é diferente para homens e mulheres. Numerosos estudos focando em vários contextos culturais evidenciaram diferenças adaptativas entre homens e mulheres nas situações que provocam ciúme (Buss et al, 1992; Buunk & Dijkstra, 2004; Sagarin et al., 2012), sendo tais diferenças explicadas pelos desafios da seleção sexual em nossa espécie (veja o Capítulo 3.1 neste volume) e pelos custos reprodutivos que homens e mulheres têm enfrentado ao longo da evolução (Buss, 1989, 2013; Symons, 1979; Trivers, 1972/2002). Os homens são, em média, mais ciumentosos quanto à perda da exclusividade sexual da parceira, fato que está diretamente ligado ao problema de incerteza de paternidade. Em outras palavras, a infidelidade sexual da mulher pode significar que o parceiro dela vai investir em uma prole que não é dele. Por outro lado, em mulheres, o envolvimento emocional do parceiro provoca o ciúme de forma mais intensa do que a infidelidade sexual. Na perspectiva evolucionista, a perda potencial ou real de empenho e comprometimento emocional do parceiro no relacionamento significa uma chance menor para a criação bem-sucedida da



prole, o que é um dos problemas recorrentes que as mulheres enfrentam ao longo da evolução (Buss et al., 1992; Trivers, 1972; Symons, 1979).

O sentimento de ciúme pode ser um estado afetivo devastador compreendendo emoções como tristeza profunda, raiva, humilhação, entre outros (Fernandez, 2012). Todas essas emoções levam a várias reações fisiológicas e comportamentais. Uma forma de lidar com o ciúme romântico é a guarda do parceiro, a qual envolve o monitoramento da rede social do parceiro(a), removendo-o(a) da presença de potenciais rivais, tentando monopolizar sua atenção, garantindo engajamento social, entre outros (veja Buss, 1988b). Outra forma de lidar com os rivais potenciais é competir com eles(as), atacá-los(as) fisicamente, depreciá-los(as) ou reforçar a própria atratividade em relação ao rival (Buss, Schackelford & McKibbin, 2008; Fisher & Cox, 2010).

Por exemplo, em várias culturas e contextos, um rival potencial muito atraente é um estímulo que prontamente ativa o ciúme (Buunk & Dijkstra, 2004), motivando uma diversidade de táticas profundamente enraizadas no nosso passado evolutivo para eliminar a ameaça. Na presença de um homem altamente dominante e atraente, um parceiro pode: aproximar-se da parceira; reforçar os próprios atributos físicos e/ou status; agredir fisicamente o rival; ou remover a parceira do contexto (isso pode acontecer via oferta de benefícios para a parceira, como levá-la para um jantar “chique” ou presenteá-la com um anel, fato que sinaliza exclusividade) (Buss & Shakelford, 1997; Buss et al., 2008). A mulher pode reagir de forma semelhante a uma rival: realçando seus atributos de atratividade física ou removendo o parceiro do contexto. Porém, há modos específicos com os quais as mulheres podem remover a ameaça, como por exemplo agressão indireta, seja prejudicando a reputação da rival

ou oferecendo vantagens sexuais ao parceiro, a fim de erradicar a ameaça (Buss & Shackelford, 1997; Campbell, 2004; Buss, 1988a).

O uso de táticas específicas depende de vários fatores, como o próprio valor no mercado de acasalamento. Por exemplo, em um estudo recente com casais da Croácia, os autores observaram que parceiros que são mais semelhantes em valor de mercado (consistente com a hipótese da homogamia, veja acima) estão mais satisfeitos no relacionamento. Ainda, estes usam e recebem táticas de retenção que são positivas para o parceiro, como dar/receber presentes ou outros benefícios. Por outro lado, no caso de assimetrias no valor do mercado entre os parceiros, o indivíduo menos atraente tendeu a usar estratégias de retenção que infligem custos ao parceiro, o que diminui a satisfação no relacionamento do indivíduo e também do parceiro (Salkičević et al., 2014).

## Dissolução de relacionamentos

Relacionamentos de longo prazo na cultura ocidental são caracterizados por uma elevada frequência de dissoluções. As razões são muito diversas e, talvez paradoxalmente, o amor apaixonado e/ou envolvimento íntimo com outra pessoa parecem ser as causas mais comuns (veja na parte anterior).

Fisher (1992) relatou que, na maioria das culturas, os parceiros separam-se depois de 4 anos de relacionamento. Após o divórcio ou separação do parceiro de longo prazo, os indivíduos vivenciam emoções negativas, redução de bem-estar e mais vulnerabilidade a alguns quadros clínicos, como depressão (Rhoades, Kamp Dush, Atkins, Stanley, & Markman, 2011). Argumenta-se que a separação de um parceiro de longo prazo

compartilha algumas características semelhantes ao desapego entre mãe e filho (Hazan & Shaver, 1987), e, portanto, pode ter consequências de longo prazo. Além das diferenças entre homens e mulheres em lidar com a perda de um parceiro, a separação é percebida como mais grave por indivíduos que foram abandonados ou que não deram início à separação ou divórcio (Shackelford, Buss, & Bennett, 2002).

É importante dizer que, apesar de emoções negativas depois e durante a separação, a dissolução do relacionamento pode ser adaptativa. Em geral, humanos tendem a ter relacionamentos na forma de monogamia serial (Fisher, 1998) (ver capítulo 3.1), o que significa que os indivíduos criam um relacionamento monogâmico com um parceiro por algum tempo, depois se separam, estabelecendo um novo relacionamento monogâmico com outra pessoa (Perriloux & Buss, 2008). Ficar em um relacionamento que não funciona pode ser bastante custoso para o bem-estar e/ou aptidão do indivíduo, em termos de perda de recursos, oportunidades de parceiros de qualidade maior, abuso físico ou psicológico ou pouco cuidado de crianças. Assim, achar um novo parceiro de longo prazo pode resolver vários problemas ligados com a sobrevivência e reprodução, como novas oportunidades para reprodução, melhores recursos, melhor cuidado de crianças e estabelecimento de novas alianças (Buss, 1993; Buss, 2014; Conroy-Beam et al., 2015).

## Conclusões

Relacionamentos românticos são descritos em diversos contextos culturais e afetam nossas vidas diariamente. Neste capítulo, buscamos discutir quais mecanismos influenciam a

qualidade e dinâmica de relacionamentos de longo prazo e observamos que variáveis como satisfação conjugal afetam o curso dos relacionamentos românticos. Apesar do pequeno número de estudos sobre relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, já sabemos que os mecanismos básicos funcionam de forma semelhante, em parceiros heterossexuais (Kurdek, 2004).

A perspectiva evolucionista tem sugerido que os relacionamentos de longo prazo, raros em outros primatas, resolveram vários problemas adaptativos. A assistência dos pais que estabeleceram uma ligação emocional de longo prazo foi a solução chave para o maciço investimento de recursos em crianças humanas. Os investimentos nos filhos também reduziram conflitos de interesses dos pais e aumentaram seus investimentos (Conroy-Beam, Goetz & Buss, 2016).

A perspectiva evolucionista oferece-nos uma oportunidade para compreender como os diferentes estilos de apego podem influenciar o fenômeno do amor romântico e também a adoção de estratégias reprodutivas de curto ou longo prazo. Ainda, mecanismos de retenção do parceiro, como o ciúme, podem ser melhor interpretados utilizando essa perspectiva.

### Questões para discussão

1. Qual o embasamento evolutivo do dito popular que diz “os opostos se atraem”?
2. Como pode o apego entre cuidador principal e filhos ser traduzido para o contexto dos relacionamentos romântico e sexual na vida adulta?
3. Qual é o papel evolutivo do ciúme nos relacionamentos de longo-prazo? Quais fatores influenciam sua expressão?
4. Que tipo de infidelidade apresenta um maior problema adaptativo para homens, e para mulheres?